

FONTE : SESP

CLASS. : 127

DATA : 12 05 88

PG. : capa

4.1

Vírus de índio pode levar à vacina da Aids

Biólogos das universidades federais do Pará e do Rio Grande do Sul e da Universidade de Yale (EUA) descobriram no sangue de índios de 12 aldeias da Amazônia a presença de anticorpos para um vírus do mesmo grupo da Aids — mas que, aparentemente, não causa doença nenhuma. Os pesquisadores estudam agora a possibilidade de desenvolver uma vacina com base nesses vírus inofensivos.

Página 11

Vírus descoberto em indígenas pode levar à vacina contra Aids

Um grupo de biólogos brasileiros e norte-americanos descobriu no sangue de índios de 12 aldeias da Amazônia a presença de anticorpos para um retrovírus do mesmo grupo do vírus da Aids, que aparentemente não causa doença. "Seria um vírus atenuado. Se produzir anticorpos contra a Aids, poderá ser perfeito para que se faça uma vacina", explicou Ricardo Ishack, professor da Universidade Federal do Pará, um dos pesquisadores.

O médico francês Luc Montaigner, primeira pessoa a isolar o vírus da Aids, tomou conhecimento da descoberta e interessou-se pela pesquisa. Ele é esperado no Brasil ainda este ano, quando se associará aos outros cientistas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e da Universidade de Yale, Estados Unidos, que estão na Amazônia.

O grupo trabalha com populações indígenas há mais de 20 anos. São realizados dois trabalhos: a identificação da capacidade imunológica das populações indígenas para doenças comuns nos homens civilizados e a coleta de dados genéticos para serem comparados com os de homens de outras regiões do mundo, a fim de estabelecer as rotas de migração e a origem do homem americano. A equipe é formada pelo professor Francisco Mauro Salzano (Rio Grande do Sul), Francis Lee Black, da Universidade de Yale, Ricardo Ishack, Marluiza Ishack, João Guerreiro e Sidney Santos (Pará).

Estudando a capacidade imunológica dos índios do Pará, Mato Grosso e territórios de Roraima e Amapá, os pesquisadores resolveram, em 85, aplicar testes Elisa em sangue coletados em 1980. O teste Elisa é um teste generalizado, que indica a presença de qualquer um dos retrovírus das famílias HIV e HTLV. Retrovírus é um tipo de vírus que permanece durante toda a vida no organismo do homem, podendo ou não se manifestar (os demais vírus manifestam-se e depois abandonam os organismos). HIV é uma sigla que significa vírus da imunodeficiência em humanos.

HTLV significa vírus que provoca linfomas e tumores. A aplicação do teste Elisa 25% dos resultados dos exames foram positivos.

Constatada a presença de anticorpos para um retrovírus da família, o professor Black levou as amostras de sangue para a Inglaterra, realizando exames mais específicos como a imunofluorescência e o Western Blot. "O resultado foi totalmente negativo. Conclusão: não havia Aids entre os índios", disse Sidney Santos. "Ou seja, o que se encontrou não era nem o anticorpo para o HIV-1, ou para o HIV-2 — os dois vírus que causam a Aids — mas alguma outra coisa que apelidamos de HIV-0."

Em uma segunda pesquisa da Universidade Federal do Pará, com os primatas da selva amazônica, foi encontrado o retrovírus em macacos guariba, comuns em toda a Amazônia e um dos alimentos dos índios. "Chegávamos a uma explicação: os índios haviam tido, no passado, contato com esse vírus do macaco e mantido os anticorpos. Provavelmente, ao esfolar ou cortar algum animal, um dos índios pode ter-se ferido, misturando seu sangue ao do guariba", disse Ishack. Aparentemente, o vírus não produz qualquer doença grave, mas sua composição é muito parecida com a do HIV-2, causador da Aids, mais comum na África, mas praticamente inexistente na América e na Europa.

"A grande questão é saber se a parte que se assemelha do HIV-0 com o HIV-2 pode conferir imunidade para quem contrai o segundo", explicou Ricardo. As possibilidades de vacina têm base nas pesquisas recentes que demonstraram ser possível a imunização contra a dengue, utilizando-se a vacina da febre amarela.

Também nesse caso, tratava-se de vírus da mesma família, com características semelhantes. A partir de agora, será preciso isolar e cultivar o vírus e verificar se há, de fato, semelhança entre os dois vírus.

Brasília/Agência Estado